



## Opinião Econômica

Bernardo Guimarães

Doutor em economia por Yale, foi professor da London School of Economics (2004-2010) e é professor titular da FGV EESP

# Galípolo como diretor no Banco Central: juros cairão?

Assim que foi anunciado, as taxas de juros de longo prazo aumentaram

O governo anunciou na segunda-feira, 8 de abril, que Gabriel Galípolo, atual secretário executivo do Ministério da Fazenda, será o novo diretor de Política Monetária do Banco Central (BC).

Galípolo, ligado a Haddad e a Lula, é visto como alguém que defenderá taxas de juros menores.

Porém, assim que ele foi anunciado, as taxas de juros de mercado de longo prazo (cinco a dez anos) aumentaram de modo perceptível. Os juros embutidos nos títulos públicos com vencimento em 2030, por exemplo, subiram.

Por que isso aconteceu? O que isso nos explica sobre política monetária?

A taxa de juros é o instrumento que o Banco Central utiliza para controlar a inflação. Quando se espera que a autarquia não hesitará em aumentar

juros, as expectativas de inflação são menores.

Expectativas de inflação afetam a própria inflação por influenciarem os reajustes de preços e as negociações salarial. Assim, expectativas baixas tornam mais fácil o trabalho do BC de controlar a inflação.

Por causa disso, diretores de bancos centrais pelo mundo com frequência chegam sinalizando uma postura agressiva contra a inflação. Como uma fera que adentra um território mostrando suas garras, esses diretores têm incentivos para votar por juros mais altos nas primeiras reuniões.

É exatamente isso que dois pesquisadores encontraram ao estudar os votos dos membros do comitê de política monetária do Reino Unido (o Copom deles). Nos

primeiros meses, eles se mostram raivosos feito cães contra a inflação. Muitos, depois, ficam mansinhos como bichanos pelo chão.

Aliás, o efeito é ainda mais forte para quem é, em geral, menos favorável a juros altos contra a inflação. As feras que já têm reputação de serem agressivas não têm tanta necessidade de demonstrar fúria quando chegam.

Em suma, expectativas de uma postura mais agressiva para derrubar a inflação tendem a levar a uma inflação menor.

Gabriel Galípolo, porém, chega ao Banco Central sinalizando uma postura menos agressiva contra a inflação. Ele é um jogador importante do time que critica os juros altos.

Além disso, ele é o segundo nome na hierarquia do Ministério da Fazenda, logo abaixo de

Fernando Haddad. Assim, a diretoria de Política Monetária do BC não é exatamente uma promoção. Por que ele foi para lá? Especula-se que talvez ele esteja indo com vistas a se tornar presidente do BC ao final de 2024, quando vence o mandato de Roberto Campos.

Se for esse o caso, e se Galípolo de fato tiver receio de aumentar juros no futuro, podemos ter inflação maior daqui a alguns anos.

A última parte no argumento é que inflação maior tende a levar a juros maiores, mesmo que o Banco Central não queira.

Se a inflação vai de 4% para 8%, a taxa de juros nominal precisa subir quatro pontos percentuais para que a taxa de juros real (descontada a inflação) fique constante. Isso é importante por-

que é a taxa de juros real que afeta as decisões de investimento e a demanda por bens na economia.

Além disso, se a inflação sobe, o Banco Central precisa em algum momento aumentar os juros para baixá-la.

De fato, as taxas nominais de juros mais altas no Brasil nos últimos 15 anos foram observadas no início do segundo mandato de Dilma Rousseff, justamente porque a inflação chegou a 10% ao ano.

No futebol, zagueiros que acreditam que o juiz será leniente fazem mais faltas. Com frequência, o juiz que não gosta de mostrar cartões acaba tendo que expulsar alguém.

Expectativas de inflação e, consequentemente, a inflação e os juros também reagem ao que se espera do Banco Central.

**Consignado:**  
o empréstimo  
mais vantajoso.



Taxas  
reduzidas



Prazo  
longo para  
pagamento



Descontado na  
folha de pagamento

Procure uma  
de nossas  
agências.

banrisul.com.br/  
consignado



banrisul

Banrífone

Porto Alegre (51) 3210 0122

Demais Regiões 0800 541 8855

SAC 0800 646 1515

Ouvidoria 0800 644 2200

## Venda de veículos cai em abril e frustra segmento no Rio Grande do Sul

/ MINUTO VAREJO

Patrícia Comunello

patricia.comunello@jornaldocomercio.com.br

A venda de veículos novos registrou queda em abril de 2023 no Rio Grande do Sul, segundo dados do sindicato das revendedoras gaúchas. O número frustra o setor, já que março tinha apresentado crescimento, com o melhor mês de vendas no ano até agora. A comercialização de automóveis caiu 20,1% em relação a março. No total de emplacamentos entre todos os modelos, o recuo foi de 19,2%, aponta o Sincodiv/Fenabreve-RS.

Abril somou emplacamento de 5,7 mil unidades particula-

res, ante 7,2 mil do mês anterior. Já entre todos os segmentos, foram 12 mil unidades, ante 14,8 mil dois meses atrás. No quadrimestre, os dados vieram positivos em relação ao mesmo período de 2022, que ainda sofria com problemas de abastecimento de insumos para a produção, como semicondutores, que geraram paradas de fábricas e menor oferta de veículos.

Os dados de janeiro a abril deste ano registram a comercialização de 23,2 mil carros ante 19,8 mil do mesmo período do ano passado, com crescimento de 16,6%. No total, foram 47,5 mil no quadrimestre recente, ante 41,2 mil nos quatro primeiros meses

de 2022, avanço de 15%. O mês de abril deste ano também teve alta frente o mesmo mês do ano passado, com 12,1% e 11,7% em automóveis e veículos (todos os tipos), respectivamente.

O sindicato aponta, em nota, instabilidade econômica, aumento das taxas de juros para financiamentos, restrição de crédito e queda do poder de compra dos consumidores e da demanda como fatores que embasam o momento do setor. Além disso, o sindicato cita que abril teve cinco dias úteis a menos do que março devido a feriados.

Números anteriores à pandemia de Covid-19, em 2019, apontaram a venda de 60,8 mil uni-

dades entre todos os segmentos no quadrimestre. Foram 13.421 veículos a menos vendidos este ano. “Se olharmos para uma década atrás, a venda acumulada, entre janeiro e abril de 2013, havia sido de 96.593 unidades no Estado. São 49.132 unidades a mais do que agora”, contrasta a entidade. A queda agora é de mais de 50% frente ao número de 10 anos atrás.

O presidente do Sincodiv/Fenabreve-RS, Paulo Siqueira, espera que a comercialização de 2023 possa “pelo menos empatar” com a de 2022 e cita outro contratempo que segura melhor desempenho. “Os estoques nas montadoras alcançam um nível muito alto, exigindo procedimentos que não

favorecem o aumento de produção”, cita Siqueira.

O que influencia bastante o segmento, que opera com bens duráveis e de maior valor, é a limitação de crédito, com manutenção da taxa de juro básica Selic em patamar alto e sem indicação de recuo, e a inadimplência, que vem crescendo. Indicador da CDL Porto Alegre mostrou alta que ainda não havia sido computada desde que a série foi lançada em fevereiro de 2022.

Siqueira lembra que, em meio a este quadro, “há muitas ofertas e promoções”, o que pode viabilizar a aquisição de um veículo, sugere o dirigente das concessionárias.